



UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA - UFDPAr  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ANDRESSA LIMA DOS SANTOS

**JUVENTUDE RURAL: UMA ANÁLISE DO INGRESSO E PERMANÊNCIA NO  
ENSINO SUPERIOR**

PARNAÍBA  
2024

ANDRESSA LIMA DOS SANTOS

**JUVENTUDE RURAL: UMA ANÁLISE DO INGRESSO E PERMANÊNCIA NO  
ENSINO SUPERIOR**

Trabalho apresentado à Universidade Federal do  
Delta do Parnaíba – UFDPAr, como requisito para  
obtenção de título de Graduação em Pedagogia.

Orientado pelo Prof. Dr. Samuel Pires Melo.

PARNAÍBA  
2024

## AGRADECIMENTOS

Concluir este curso foi um grande desafio e não há dúvida de que não conseguiria concluí-lo sozinha. Eu tenho muito a agradecer. Primeiro, toda glória a Deus, que, através do Seu grande poder em nós, é capaz de realizar infinitamente mais do que podemos pedir ou imaginar.

Agradeço imensamente ao meu pai, Bernardo Rodrigues, pescador e trabalhador rural. Ele que de tanto trabalhar no campo, me permitiu florescer no campus. Pai batalhador, que sempre apoiou meus estudos e nunca mediu esforços para que nada me faltasse, mesmo com tantas dificuldades. Este trabalho tem muito de você, de nossas trajetórias e de sua batalha diária para que hoje eu estivesse aqui. Eu sei que na minha infância e adolescência, isso tudo parecia quase impossível, você sempre ouviu que era perda de tempo investir tanto em meus estudos, pois sonhar é caro. Mas hoje lhe digo que filha de pescador pode alcançar qualquer espaço, inclusive na universidade.

Gostaria também de agradecer à minha mãe, Cosma Lima, pescadora e trabalhadora incansável. Ela nunca deixou de trabalhar duro para investir no meu crescimento pessoal e profissional. Ela sempre disse que não sabia como uma mulher “sem estudos” poderia ter uma filha tão inteligente, que hoje está na universidade. Mãe, seja hoje ou no futuro, lhe digo que sou capaz de alcançar o que sou hoje, tudo graças à educação que recebi em casa. Você é minha primeira escola e me ensinou tudo que a universidade não pode. Você é minha inspiração de força, resiliência e amor.

Ao meu querido companheiro de vida, Matheus Almeida, com quem compartilho uma linda história de cumplicidade. Você acreditou em mim desde o início, mesmo quando a faculdade parecia um sonho muito distante da realidade. Nos momentos mais difíceis você esteve ao meu lado, sempre pronto para me apoiar, inclusive na preparação das minhas aulas. Esta jornada teria sido muito mais difícil sem o seu apoio incondicional. Nossa parceria é a base não só para alcançarmos nossos sonhos individuais, mas também para nossos sonhos compartilhados. Sou muito grata por ter você ao meu lado e fazer desta jornada uma jornada de amor e crescimento mútuo.

Agradeço de todo coração às minhas queridas amigas de classe, Ana Karoline e Iwiany Koppes, que ocupam um lugar especial em meu coração. Vocês são verdadeiros anjos que iluminam meus dias. Embora muitos digam que o ambiente acadêmico é competitivo, provamos que é possível construir relacionamentos baseados no orgulho e na admiração. O que mais valorizamos na nossa amizade é a nossa capacidade de ouvir e nos ajudar, independentemente da situação. Vocês são mais do que colegas de classe; vocês são minhas confidentes, incentivadoras e amigas. Sou muito grata a vocês por me acompanhar nesta jornada acadêmica e pessoal.

Ao meu orientador, Samuel Pires, minha gratidão sincera. Desde o momento em que escolhi o tema do TCC, você foi a primeira pessoa que me veio à mente, por sempre ter passado uma sensação de sensibilidade e empatia. Não poderia ter feito escolha melhor. Agradeço pelo tempo e dedicação cedidos.

Agradeço também aos meus entrevistados, que enriqueceram esta pesquisa com suas vivências e perspectivas únicas. Suas histórias foram essenciais para a profundidade e autenticidade deste trabalho. Dedico essa vitória também a todos os jovens da zona rural que desejam ingressar no ensino superior e que sempre foram desacreditados. Nós somos capazes.

Por fim, agradeço à Universidade Federal do Delta do Parnaíba e a todos os professores que passaram pelo meu caminho nesta jornada. Vocês me ajudaram crescer pessoal e profissionalmente, e a cada um de vocês, meu muito obrigado.

## JUVENTUDE RURAL: UMA ANÁLISE DO INGRESSO E PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

**Resumo:** A presente pesquisa, desenvolvida como trabalho de conclusão de curso em Pedagogia, tem como objetivo analisar as trajetórias educacionais de jovens rurais no processo de ingresso e permanência no ensino superior, tendo como *lócus* a Universidade Federal do Delta do Parnaíba. Organizou-se os objetivos específicos da seguinte forma: a) Explorar as trajetórias educacionais dos jovens rurais em busca do ensino superior; b) Investigar os efeitos de migração desses jovens para as zonas urbanas; c) Avaliar como as políticas públicas atendem e envolvem os jovens rurais no ensino superior. As discussões e o desenvolvimento da pesquisa se estruturaram nas perspectivas teóricas acerca da juventude rural, com as categorias definição e características dos jovens rurais, panorama da educação em áreas rurais e identidade social e cultural da juventude rural. Considerando os aspectos metodológicos, o processo de produção de dados foi baseado em dados coletados em entrevista semiestruturada com alunos atuais e egressos na Universidade Federal do Delta do Parnaíba, organizada em três eixos temáticos: 1) Trajetórias educacionais e desafios de adaptação; 2) efeitos de migração para as zonas urbanas; 3) Políticas públicas e inclusão educacional. Constatou-se, a partir das significações dos jovens rurais, que eles enfrentam uma sensação de inadequação ao ingressarem no ensino superior. Essa experiência de “não pertencimento” foi compartilhada entre os estudantes. No entanto, mesmo com os desafios, entre os quais o mais citado foi o efeito da migração, a busca pelo ensino superior reflete o valor que esses jovens atribuem a educação. Mesmo com obstáculos e pontuando que as políticas públicas não são totalmente eficazes, pois não abrange a todos, os estudantes mostram uma satisfação em ingressar no ensino superior.

**Palavras-chave:** Juventude Rural. Ensino Superior. Educação. Curso de Pedagogia.

## **RURAL YOUTH: AN ANALYSIS OF ADMISSION AND PERMANENCE IN HIGHER EDUCATION**

**Abstract:** This research, developed as a final project for a Pedagogy course, aims to analyze the educational trajectories of rural youth in the process of admission and permanence in higher education, with the Federal University of Delta do Parnaíba as the locus. The specific objectives were organized as follows: a) To explore the educational trajectories of rural youth in search of higher education; b) To investigate the effects of migration of these youth to urban areas; c) To evaluate how public policies serve and involve rural youth in higher education. The discussions and development of the research were structured on theoretical perspectives about rural youth, with the categories definition and characteristics of rural youth, panorama of education in rural areas and social and cultural identity of rural youth. Considering the methodological aspects, the data production process was based on data collected in semi-structured interviews with current and former students at the Federal University of Delta do Parnaíba, organized into three thematic axes: 1) Educational trajectories and adaptation challenges; 2) effects of migration to urban areas; 3) Public policies and educational inclusion. It was found, based on the meanings of rural youth, that they face a feeling of inadequacy when entering higher education. This experience of “not belonging” was shared among the students. However, even with the challenges, among which the most cited was the effect of migration, the search for higher education reflects the value that these young people attribute to education. Despite obstacles and pointing out that public policies are not fully effective, as they do not cover everyone, the students show satisfaction in entering higher education.

**Keywords:** Rural Youth. Higher Education. Education. Pedagogy Course.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. PERSPECTIVAS TEÓRICAS ACERCA DA JUVENTUDE RURAL.....	11
2.1 Definição e características do perfil dos jovens rurais no Brasil.....	13
2.2. Panorama da educação em áreas rurais .....	15
2.3. Identidade social e cultural da juventude rural.....	15
3. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	18
3.1. Descrição da pesquisa .....	18
3.2. Amostra .....	19
3.2.1. Perfil sociodemográfico dos colaboradores.....	20
3.3. Processo de análise dos dados .....	24
4. ANÁLISE SINTÉTICA DO ACESSO E PERMANÊNCIA DOS JOVENS RURAIS NO ENSINO SUPERIOR.....	30
4.1. Trajetórias educacionais e desafios de adaptação .....	31
4.2. Efeitos de migração para zonas urbanas .....	34
4.3. Políticas públicas e inclusão educacional.....	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	44
REFERÊNCIAS .....	46

## 1 INTRODUÇÃO

A juventude, como um intrincado e diversificado conceito, vai além da mera medida cronológica. Segundo Groppo (2000, p. 7) “Podemos definir a juventude como uma categoria social. Tal definição faz da juventude algo mais do que uma faixa etária ou uma “classe de idade”, no sentido de limites etários restritos [...]”. Esta abordagem social abraça dimensões culturais, políticas, econômicas e regionais, desafiando a simplicidade da definição baseada na idade. O termo “juventude” envolve um período repleto de desafios, oportunidades e imprevisibilidades, mutável conforme as circunstâncias e o momento vivido pelos jovens.

Trazendo tais reflexões para o universo da juventude rural, entrelaçam-se aspectos pessoais vinculados à origem, identidade e escolhas de vida. Inclui tanto aqueles que residem em ambientes rurais quanto os que migram para áreas urbanas, mantendo vínculos afetivos, familiares e políticos. A diversidade socioeconômica, cultural, política e territorial dessa juventude repercute em toda a extensão do Brasil, revelando suas realidades específicas e motivações.

Logo, tanto os jovens urbanos quanto os rurais compartilham preocupações das mais diversas, incluindo emprego, educação escolar e a formação acadêmica, buscando oportunidades para um futuro promissor. Contudo, os desafios para os jovens rurais são mais evidentes, desde limitações em instalações educativas até oportunidades de emprego restritas.

Marinho (2014) destaca que essa realidade no meio rural está se tornando cada vez mais frequente entre os jovens que desejam dar continuidade aos estudos. A maioria das comunidades rurais só oferece ensino fundamental, forçando esses jovens a deixarem suas comunidades e suas famílias para prosseguirem com os estudos nas cidades. Essa mobilidade espacial, causada pela ausência de escolas ou pela concentração delas nas áreas urbanas, resulta na diminuição, ou até mesmo no rompimento, do vínculo com a terra. Além disso, a coesão familiar é afetada, aumentando as despesas e reduzindo a força de trabalho da família.

Em meio a esses desafios, surge a necessidade de enxergar para além do óbvio, buscando medidas governamentais que ultrapassem o acesso à educação, e que visem não só proporcionar um ensino de qualidade, mas a autonomia da juventude rural. No Brasil, testemunhamos não apenas uma reordenação, mas uma metamorfose dessa categoria, destacando a complexidade das formas de mobilização e a busca contínua por uma participação que supere o cenário político convencional.

No entanto, no que se refere à educação e políticas públicas de inclusão social, a juventude rural ainda tem sido pouco contemplada e existe uma necessidade de ações que

colaborem para a emancipação e autonomia dessa classe. Diante disso, Galindo (2014, p. 17) afirma que:

Pensar políticas públicas para a emancipação e autonomia da juventude rural é também estar consciente da necessidade de superar as desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais produzidas pelo modelo de desenvolvimento rural brasileiro, baseado no latifúndio, no agronegócio e na concentração dos bens naturais comuns.

Os jovens das zonas rurais que frequentam universidades públicas são um fenômeno relativamente novo. Este processo é lento e instável devido a fatores culturais, econômicos, sociais e políticos. Mas a partir da década de 1990, com mudanças nas políticas educativas, tornou-se mais ativa e intensa. No entanto, a questão atual não envolve apenas o acesso ao ensino universitário, mas também a permanência, especialmente para estudantes de famílias com classe desfavorecida economicamente.

Esta complexidade reflete-se na observação do sociólogo Pierre Bourdieu, que enfatizou as estratégias educativas francesas como meio de reprodução social da família. Segundo Bourdieu (2011), a educação formal, representada por instituições como as escolas, desempenha um papel central. Incentivar as crianças a permanecerem na escola não é apenas um desafio acadêmico, mas também uma estratégia de investimento a longo prazo. Esta prática não tem como objetivo apenas preparar os jovens para os desafios futuros, mas também garantir a herança e a continuação do estatuto social da família.

Neste sentido, surgiu uma curiosidade crescente em torno dos fatores que moldam os percursos destes jovens, reconhecendo-os como um grupo social distinto. Esta curiosidade estende-se à exploração das motivações subjacentes à sua migração, às experiências únicas que encontram, às suas aspirações de prosseguir o ensino superior e às suas expectativas em relação ao mercado de trabalho. Compreender estes aspectos é vital para desvendar os enredos do seu percurso educativo e profissional, bem como para identificar os obstáculos e oportunidades que encontram ao longo do caminho.

No decorrer das discussões, surge como questão problema: Quais os principais fatores que influenciam a trajetória dessa juventude rural e como as políticas públicas podem ser aprimoradas para melhor atendê-los? A partir disso, serão considerados diferentes elementos, como barreiras culturais, socioeconômicas e geográficas, além de políticas de permanência para os jovens de zonas rurais que desejam ingressar no ensino superior.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, segue como objetivo geral: Analisar como os jovens rurais vivenciam e percebem o processo de ingresso e permanência no ensino superior. Além disso, os seguintes objetivos específicos: a) Explorar as trajetórias educacionais dos

jovens rurais em busca do ensino superior; b) Investigar os efeitos de migração desses jovens para as zonas urbanas; c) Avaliar como as políticas públicas atendem e envolvem os jovens rurais no ensino superior.

No processo de produção de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com seis jovens rurais do curso de pedagogia, especificamente da Universidade Federal do Delta Parnaíba (UFDPAr). O motivo da escolha da entrevista semiestruturada é que esse formato permite uma conversa mais amigável, em que os participantes podem responder e discutir com mais facilidade diversos temas. Além disso, para análise dos dados gerados e transcritos, estes foram divididos em eixos temáticos de acordo com os objetivos da pesquisa.

O texto está estruturado em cinco seções. A primeira é esta introdução, que apresenta uma síntese da pesquisa. A segunda seção, intitulada “Perspectivas teóricas acerca da juventude rural”, discute a definição e características do perfil dos jovens rurais, o panorama da educação em áreas rurais e a identidade social e cultural da juventude rural. A terceira seção, intitulada “Percurso metodológico da pesquisa”, envolve a descrição da pesquisa, amostra, perfil sociodemográfico dos colaboradores e o processo de análise de dados. A quarta seção, intitulada “Análise sintética do acesso e permanência dos jovens rurais no ensino superior”, aborda os eixos temáticos: 1) Trajetórias educacionais e desafios de adaptação; 2) Efeitos de migração para as zonas urbanas; 3) Políticas públicas e inclusão educacional. O texto é concluído com algumas considerações finais.

## 2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS ACERCA DA JUVENTUDE RURAL

### 2.1 Definição e características do perfil dos jovens rurais no Brasil

Nos últimos 22 anos, a população rural no Brasil diminuiu em um ritmo acima da média mundial, enquanto a urbanização avançou de forma significativa. Em 2022, dados do Banco Mundial mostram que cerca de 87% dos brasileiros viviam em áreas urbanas, com aproximadamente 13% vivendo em áreas rurais, incluindo milhões de jovens entre 15 e 29 anos que buscam se desenvolver e estabelecer em um cenário cada vez mais competitivo. Apesar de ainda se tratar de um contingente populacional expressivo, pouco se conhece sobre ele. A categoria social “juventude rural” revela-se assim como um novo campo de investigação relativamente incipiente e ainda não consolidado no meio acadêmico (Castro *et al.*, 2019).

Desta forma, a juventude rural se apresenta como uma categoria abrangente que se refere a um grupo diversificado de jovens que vivem em áreas não urbanas, cuja presença se manifesta de diferentes formas em diferentes partes do país, “são atores sociais que se diferenciam mesmo agregando características, modos e pertencimentos identitários correlatos” (Kummer e Colognese, 2000, p. 202).

Esta categoria está intimamente ligada a fatores socioeconômicos, identitários, regionais e a participação política da juventude rural nos movimentos sociais por meio dos quais ganham importância e visibilidade. É, portanto, mais apropriado falar de juventude rural no plural para refletir esta diversidade. Galindo (2014, p. 123-124) argumenta que:

É importante destacar que quando falamos em juventude rural tratamos de uma categoria social diversa construída a partir das experiências de trabalho, sociabilidade, troca cultural e interação socioambiental. Neste campo de reconhecimento e autoidentificação, a juventude rural vem se afirmando por meio de um amplo espectro de identidades, caracterizados pelas identidades como jovem camponês, quilombola, assentado, quebradeira de coco, agricultor familiar, negro, ribeirinho, assalariado, sem-terra, indígena, extrativista. A partir destas pertenças, afirmam-se como sujeitos de direitos e demandam políticas públicas coerentes com suas realidades, por meio de horizontes participativos.

Conforme destaca a autora, a diversidade da juventude rural abrange uma ampla gama de identidades e experiências sociais. Esses jovens são caracterizados por suas diversas experiências como agricultores, assentados, ribeirinhos, sem-terra, indígenas, extrativistas, entre outros. Estas identidades refletem não apenas as suas atividades econômicas, mas também as suas interações culturais e socioambientais únicas.

A operacionalização da análise da categoria juventude deve, invariavelmente, levar em conta as “muitas” juventudes manifestas em diferentes espaços. Nesse sentido é importante considerar como característica inerente à condição juvenil as inferências e influências do momento em que se encontram os jovens, entendido como uma transição que lhes colocam em sensível estado de mal estar. Decidir que caminho seguir, por qual profissão se dedicar, estudar ou não, que área de estudos optar, que local de moradia, etc., é bastante complexo. E as decisões precisam ser tomadas. (Kummer e Colongese, 2000, p. 205)

Neste sentido, o reconhecimento desta diversidade não só proporciona uma compreensão mais profunda das suas necessidades educativas, mas também destaca a importância de desenvolver estratégias educativas que sejam sensíveis e relevantes para cada grupo específico.

Ao discutir a juventude rural, é importante considerar algumas abordagens específicas. Brumer (2007) ressalta a importância de pesquisar a juventude em termos de dois polos: êxodo e permanência. Esses fatores também dão origem a considerações específicas. A primeira delas é a questão da invisibilidade. Além disso, devemos considerar os processos de saída, que envolvem os mecanismos de integração nas atividades urbanas. Outros fatores incluem o envelhecimento da população rural, a saída frequente de mulheres jovens que conduzem a uma população rural dominada pelos homens, a probabilidade de celibato entre os homens jovens, os desafios no acesso à educação nas zonas rurais, as características urbanas das escolas rurais, a necessidade de atividades de lazer, a demanda por acesso à informação (internet), a necessidade de oportunidades de renda, os processos sucessórios, os conflitos familiares e as estratégias utilizadas por alguns indivíduos para permanecerem no meio rural.

“Diante dessa realidade o campo tem se tornado cada vez mais “um espaço envelhecido”, ou seja, com pouca presença de jovens, fato este que tem preocupado e mobilizado estudiosos e movimentos sociais a fim de compreender as perspectivas para continuidade do campesinato, como também as possibilidades de reprodução social, ambiental e econômica das famílias camponesas.” (Marinho, 2014, p. 164)

Além disso, a juventude rural tem passado por mudanças significativas que refletem seu dinamismo, influenciadas por acontecimentos históricos como a Revolução Industrial, onde ocorreu um grande êxodo rural. Esses jovens não apenas presenciaram transformações, mas também se tornaram protagonistas de movimentos sociais e políticos, buscando cidadania, participação, direitos e reconhecimento cultural. No entanto, a percepção do envolvimento dos jovens nos movimentos sociais durante os processos de reforma agrária ainda difere significativamente dentro dos assentamentos. As observações dos pesquisadores revelam uma participação limitada dos jovens tanto nas atividades agrícolas como nas organizações políticas, como associações e coordenações (Castro, *et al.* 2019).

Este diálogo também visa observar os problemas da juventude rural no Brasil que envolvem viver em um espaço de desigualdade social e falta de acesso a bens e serviços, muitas vezes causados por problemas como a expansão indiscriminada do agronegócio, a concentração de terras e a exploração socioambiental (Barcellos e Mansan, 2014). Esta observação destaca como a desigualdade social e a falta de acesso a recursos básicos afetam diretamente a juventude rural no Brasil. A expansão do agronegócio, a concentração fundiária e o desenvolvimento ambiental são fatores estruturais que agravam as dificuldades enfrentadas pelos jovens nas áreas rurais. Muitas vezes sendo forçados a viver em ambientes onde as oportunidades são escassas e as condições de vida são muitas vezes instáveis, limitando o seu desenvolvimento e potencial.

Ao examinar o que os autores dizem e o enquadramento contextual em torno da juventude rural, torna-se evidente que estes indivíduos encontram numerosos obstáculos decorrentes de circunstâncias socioeconômicas e ambientais desfavoráveis. A multiplicidade de identidades e experiências dentro deste grupo não só sublinha a natureza complexa desta categoria social, mas também sublinha a necessidade premente de políticas públicas que reconheçam e abordem as suas realidades únicas.

## **2.2 Panorama da educação em áreas rurais**

Analisar as trajetórias educacionais dos jovens rurais no Brasil requer uma compreensão aprofundada de como a visibilidade desses jovens evolui ao longo do tempo. Historicamente, a visibilidade da juventude brasileira tem sido limitada àqueles com educação de classe média, especialmente na década de 1960. Essa imagem social faz com que o conceito de juventude esteja intimamente ligado a um grupo específico, escondendo a diversidade e as experiências de outros grupos juvenis, como os do meio rural. Na perspectiva de Abramo (2005), a visibilidade da juventude brasileira nesta época, centrou-se principalmente em jovens envolvidos no movimento estudantil e em partidos de esquerda. Estes jovens desempenham um papel crucial nos debates sobre a continuação ou mudança das instituições culturais e políticas do país.

Deste modo, na sua participação em movimentos de contracultura e politicamente engajados, essa parcela da juventude é como motores de mudança social, questionando e desafiando as normas estabelecidas. No entanto, esta visão estreita ignora a juventude rural, que enfrenta desafios únicos e cujas experiências não se refletem na visibilidade social dominante e na participação nos movimentos. Estes grupos foram negligenciados devido à falta de consciência da diversidade juvenil, incluindo as realidades enfrentadas pela juventude rural

“pode-se abstrair dessa forma que os povos do campo são excluídos tanto em caráter social como educacional” (Pontes, 2012, p. 20).

Assim, à medida que as políticas públicas avançaram e as oportunidades educativas se democratizaram, tem havido um reconhecimento crescente da necessidade de incluir diversos grupos de jovens nos debates educativos e sociais. Expandir o acesso ao ensino superior e implementar políticas específicas para a juventude rural são passos importantes para reconhecer e valorizar a diversidade juvenil.

Por outro lado, padrões persistentes de desigualdade educacional e social são descobertos quando se examina a negligência histórica da educação em áreas rurais do Brasil. Ao diminuir o conhecimento e as competências rurais, as perspectivas elitistas não só reforçam os estereótipos prejudiciais, mas também dificultam o progresso das comunidades rurais. A resolução destes obstáculos exige a implementação de políticas educativas inclusivas que considerem os contextos locais, bem como uma análise aprofundada das dinâmicas de poder que sustentam estas disparidades, “a construção de uma política pública e educacional se faz a partir de diversos conhecimentos substanciados na luta política. É uma relação dialética e indissociável: o conhecimento enriquece a luta, que se materializa em conquistas” (Pontes, 2012, p. 153).

Reconhecer a educação nas áreas rurais como uma base vital para o desenvolvimento justo e sustentável é crucial para criar um futuro onde todos os jovens, independentemente da sua origem geográfica, tenham oportunidades iguais de educação e progresso econômico.

Nas palavras de Leite (1999, p. 14):

A educação rural no Brasil, de certa forma, por motivos sócios-culturais, sempre foi relegada a planos inferiores, tendo por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional instalado no Brasil pelos jesuítas e a interpretação da oligarquia agrária, conhecida popularmente pela expressão: “gente da roça não carece de estudos. Isto é coisa de gente da cidade”.

Esse pensamento reflete a longa trajetória de subestimação, enraizada em complexas dinâmicas socioculturais. Historicamente a educação em áreas rurais no Brasil sempre esteve às margens do processo escolar, ainda que a produção agropecuária e o homem do campo em si, fossem foco de interesses econômicos e políticos.

A marginalização da educação rural é o resultado de um sistema que privilegia os centros urbanos e os setores dominantes da economia. A lógica de que “as pessoas das zonas rurais não precisam estudar” está profundamente enraizada na sociedade, resultando num ciclo de exclusão, oportunidades educativas limitadas e mobilidade social para os jovens rurais, neste

sentido “é necessário consciência que, nos dias atuais, o campo e suas escolas não podem mais serem vistos como locais de atraso em relação à cidade. Os cidadãos que são usuários dos aparelhos públicos têm os mesmos direitos de acesso, independentemente de sua localização geográfica” (Pontes, 2012, p. 163).

Além disso, a situação é ainda agravada pela falta de infraestruturas adequadas, de recursos pedagógicos e de professores qualificados, tornando o acesso e a permanência no ensino superior um desafio significativo para estes jovens. Pontes (2012, p. 170) chama atenção para o fato que “não são raros os casos de escolas sucateadas, precarizadas no sentido material; alijadas também de processos formativos, pois são poucos profissionais que podem se ausentar de sala de aula para sua qualificação”.

### **2.3 Identidade social e cultural da juventude rural**

As identidades e culturas dos jovens rurais estão profundamente enraizadas nas suas experiências diárias, que muitas vezes envolvem interações estreitas com o ambiente natural e os costumes tradicionais das suas comunidades. Estes jovens mantêm uma forte ligação não só à terra e aos seus recursos, mas também às tradições familiares e comunitárias que moldam as suas identidades.

Esta ligação com a cultura local não se limita às atividades agrícolas, mas estende-se a todo o estilo de vida rural, incluindo festas, crenças religiosas, técnicas artesanais e conhecimentos ambientais, “os jovens rurais convivem, ao mesmo tempo, com a tradição familiar e com valores adquiridos a partir da mobilidade espacial campo – cidade, sem contar com a diversidade sociocultural existente nos assentamentos, característica marcante em região de fronteira agrícola” (Marinho, 2014, p. 169).

Além disso, a cultura rural serve frequentemente como mecanismo de resistência face às mudanças sociais e econômicas que afetam estas comunidades. Os jovens rurais enfrentam frequentemente um contexto cada vez mais moderno e urbanizado, onde as suas identidades são constantemente desafiadas e redefinidas.

Além das discussões sobre a funcionalidade do conceito de juventude rural, questões sobre o seu acesso à educação sempre aparecem nas discussões sobre essa categoria. Marin (2009, p.2) afirma que:

O estudo da juventude rural como uma construção social e cultural, variável no tempo e no espaço, requer a compreensão das especificidades das relações de dependência com a vida e o trabalho nos espaços agrários, bem como as redes de relações

econômicas, políticas, institucionais e culturais em que os jovens e suas famílias estão inseridos.

Nesse sentido, compreender a juventude rural vai além da análise demográfica e requer uma investigação aprofundada das complexas interações entre vidas, trabalho e a rede de influências econômicas, políticas e culturais que permeiam as suas comunidades. O conceito de juventude rural não só funciona para abranger uma diversidade de identidades e experiências, mas também destaca as desigualdades estruturais que afetam diretamente o seu acesso à educação formal.

Estas desigualdades são muitas vezes exacerbadas por barreiras geográficas e infraestruturais que limitam o acesso a escolas de qualidade nas zonas rurais, bem como por outros desafios, como a falta de recursos financeiros e o apoio insuficiente das políticas públicas à educação rural. Segundo Bourdieu, a transmissão do ensino varia entre os alunos, contrariando a crença da escola conservadora.

A construção cultural e social dos jovens rurais também é fortemente formada pela família e pela comunidade, nesse sentido o ambiente familiar e comunitário pode ajudar ou impedir o crescimento desses capitais. Neste sentido, Bourdieu (2002) adverte o termo "capital cultural", que inclui o conhecimento, as habilidades e a educação que uma pessoa tem. O capital social inclui as redes de relacionamentos que podem fornecer recursos e suporte. O desenvolvimento do capital cultural e social pode ser limitado em comunidades rurais, o que afeta as chances dos jovens de ingressar e permanecer no ensino superior.

Para responder eficazmente às necessidades da juventude rural é crucial dar prioridade a uma agenda abrangente que reconheça e envolva as suas diversas identidades. Ao promover a convergência, podemos amplificar as vozes desses jovens e capacitá-los a articular as suas exigências únicas. Isso significa dar maior ênfase à abordagem das preocupações de grupos específicos, como os jovens quilombolas, ribeirinhos e assalariados rurais, nas discussões de políticas públicas. Atualmente, estes grupos são marginalizados na conversa, mas é imperativo que os tragamos para o primeiro plano (Galindo, 2014).

A autora ressalta uma questão crucial na educação contemporânea: a marginalização de certos grupos na discussão educacional. Para dar prioridade a estes grupos, é essencial reconhecer as suas necessidades únicas e instituições políticas educativas que sejam inclusivas e justas.

No que concerne a questão da educação, Pontes (2012) destaca a ligação intrínseca entre a educação orientada para o processo e a aplicação social prática, esta experiência particular sublinha o desenvolvimento e a solidificação da identidade de alguém por meio do processo de

formação. Enfatiza a integração da “preparação” com situações tangíveis da vida real, preenchendo efetivamente a lacuna entre a formação educacional e as realidades do mundo. Esta visão alinha mais o processo formativo com o papel social dos indivíduos, imbuindo assim o processo formativo de um sentido distinto de identidade.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA**

#### **3.1 Descrição da pesquisa**

A escolha deste tema é realista e relevante, especialmente direcionada a pesquisadores, educadores, gestores públicos e organizações interessadas na promoção da educação e inclusão social de jovens rurais. O ensino superior, embora seja um direito e uma oportunidade para essa população, apresenta também desafios significativos e marca uma grande transformação em suas trajetórias de vida. Além disso, o tema fomenta debates acadêmicos e sociais sobre questões cruciais como a educação e o desenvolvimento rural, a juventude no campo, a inclusão social, a diversidade cultural e outros temas correlatos. Esta pesquisa, de natureza quali-quantitativa, propõe uma investigação aprofundada e contextualizada do fenômeno, utilizando múltiplas fontes de evidências, com o intuito de gerar conhecimento aplicável tanto para o campo acadêmico quanto para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à juventude rural.

A abordagem quali-quantitativa, conforme destacado por Minayo (1997), propõe uma complementaridade entre os dados qualitativos e quantitativos, superando a tradicional separação entre essas duas formas de análise. Segundo a autora, esses métodos se entrelaçam de maneira dinâmica, proporcionando uma visão mais rica e abrangente da realidade investigada. Ao invés de se oporem ou competirem entre si, os dados qualitativos e quantitativos se enriquecem mutuamente, oferecendo um entendimento mais profundo e holístico do fenômeno estudado. Essa interação elimina qualquer dicotomia rígida entre os métodos, permitindo que as complexidades da realidade social sejam analisadas a partir de múltiplas perspectivas, garantindo, assim, uma investigação mais completa e rigorosa.

A escolha desta técnica foi de acordo com a abordagem teórica adotada, com o objetivo de identificar as categorias, temas e padrões que emergem os dados. Para garantir a precisão e credibilidade dos resultados, foi importante criar os dados das entrevistas com observações e uma análise criteriosa da situação pesquisada, visando a consistência, validade e confiabilidade.

Dessa forma, esta pesquisa visa trazer percepções importantes não apenas para a sociedade geral, mas também para o campo da educação. Ao adotar essa abordagem de investigação permite-nos captar a realidade por trás das trajetórias dos jovens oriundos de áreas rurais, através de uma investigação. Nessa perspectiva, Minayo define a pesquisa como:

A atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto,

embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática (MINAYO, 2009 p. 17).

Portanto, ao pesquisar as trajetórias educativas dos jovens rurais, não só compreendemos os desafios que estes jovens enfrentam, mas também reconhecemos as oportunidades que as suas experiências únicas apresentam. Este estudo enriquece o campo da educação ao destacar as complexidades da juventude rural, as suas necessidades específicas e a sua relação com o sistema educativo.

Ao trazer estas questões para o debate acadêmico e social, pretendemos influenciar o desenvolvimento de políticas públicas mais inclusivas e eficazes que respeitem a diversidade e particularidade das populações rurais.

### **3.2 Amostra**

Para esta pesquisa, foi selecionado como *locus* da pesquisa a Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), uma instituição pública de ensino superior localizada no estado do Piauí que atende uma área com população relativamente rural. A UFDPAr foi criada em 11 de abril de 2018 com a publicação da Lei nº 13.651 por desmembramento da Universidade Federal do Piauí (UFPI) para ampliar o acesso e a qualidade do ensino superior na região. A UFDPAr oferece atualmente 12 cursos de graduação nas áreas de ciências biológicas e da saúde, ciências sociais e aplicadas, ciências da educação e ciências exatas e da natureza.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com quatro atuais discentes e dois egressos do curso de graduação em Pedagogia da UFDPAr que se identificam como jovens rurais, ou seja, pessoas que nasceram, cresceram ou vivem em zonas rurais, sendo dois do sexo masculino e quatro do sexo feminino. A entrevista semiestruturada consistiu em um diálogo orientado por um roteiro de perguntas abertas e fechadas, o que permitiu explorar temas de interesse e ao mesmo tempo o entrevistado expressasse livremente sua opinião.

A abordagem não foi vista apenas como uma ferramenta objetiva de investigação ou um método rotineiro de recolha de dados. Seguindo o que diz Barros e Lehfeld (2000, p. 58) “a entrevista semiestruturada estabelece uma conversa amigável com o entrevistado, busca levar dados que possam ser utilizados em análise qualitativa, selecionando-se os aspectos mais relevantes de um problema de pesquisa”.

Assim, as entrevistas foram realizadas prioritariamente de maneira presencial, mas é válido ressaltar que para os egressos do curso a entrevista foi de forma remota, através da ferramenta de vídeo, Google Meet, de acordo com a disponibilidade e preferência dos entrevistados, que não estavam presentes na mesma cidade ou com a rotina cheia nesse período. Estas entrevistas foram gravadas em formato de áudio e transcritas para posterior análise. Para garantir uma documentação abrangente em entrevistas qualitativas, recomenda-se manter vários registros, incluindo notas imediatas, notas subsequentes e gravações de áudio (Pope; Mays, 2005, p. 26).

A seleção dos entrevistados foi por meio de uma técnica de amostragem intencional, que envolve a escolha dos sujeitos que melhor representam as características ou situação em estudo, com base em critérios pré-determinados estabelecidos pelo pesquisador. Os critérios utilizados neste estudo foram os seguintes: os indivíduos deveriam ser alunos matriculados na UFDPAr ou, no caso de ex-alunos, ter formação superior na UFDPAr e serem oriundos ou residirem atualmente na zona rural.

Durante as entrevistas foram observados e respeitados os princípios e padrões éticos de pesquisa de acordo com as diretrizes da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. As principais medidas tomadas foram: o anonimato e a confidencialidade dos entrevistados garantidos através da utilização de pseudônimos, da não divulgação de dados pessoais, da proteção dos dados e da não utilização para outra finalidade que não a pretendida.

### 3.2.1 Perfil sociodemográfico dos colaboradores

O estudo envolveu seis jovens com idades compreendidas entre os 22 e os 35 anos, oriundos de comunidades rurais e que vivem atualmente em zonas urbanas para fins educativos ou profissionais. Os perfis dos colaboradores abrangeram diferentes trajetórias e antecedentes familiares, destacando diferenças de gênero, cor, estado civil e condições socioeconômicas.

Dessa forma, elaborou-se as entrevistas contemplando as indagações norteadoras, em que os colaboradores da pesquisa, por sua vez, foram decodificados através das siglas C1, C2, C3, C4, C5 e C6. A tabela a abaixo contém detalhes dos participantes:

**Tabela 1.** Perfil sociodemográfico dos/das jovens rurais pesquisados (as)

Características	N	%
-----------------	---	---

<b>Idade</b>		
20 a 22	2	33,33%
23 a 25	3	50%
26 a 35	1	16,67%
<b>Gênero</b>		
Feminino	4	66,67%
Masculino	2	33,33%
<b>Cor</b>		
Pardo	4	66,67%
Negro	2	33,33%
<b>Estado civil</b>		
Solteiro	5	83,33%
Casado/morando junto	1	16,67%
<b>Renda</b>		
De 1 a 3 salários	3	50%
Não sabem/não responderam	3	50%
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2024.

Com o objetivo de compreender os sujeitos da pesquisa e suas dificuldades, foi de suma relevância primeiramente traçar o perfil socioeconômico dos colaboradores, visto na tabela 1. A idade dos participantes variou bastante, sendo 33,33% entre 20 e 22 anos, 50% entre 23 e 25 anos e 16,67% entre 26 e 35 anos. Esta informação de início revela a faixa etária que pode influenciar as suas visões e experiências de educação e vida rural, levando em consideração que “o conceito de juventude é marcado pela diversidade que essa categoria social possui, pois não existe uma juventude, e sim juventudes que precisam ser vistas além dos cortes etários” (Marinho, 2014). Em relação ao sexo a maioria foi do sexo feminino representado por 66,67% do total, enquanto 33,33% foi do sexo masculino. Esta questão por gênero pode fornecer

informações sobre as diferentes experiências e desafios que os jovens e as mulheres rurais enfrentam nos seus percursos educativos e profissionais, segundo Brumer (2007, p. 40) “as moças investem mais na educação do que os rapazes, principalmente com vista à preparação para um emprego na cidade”. Quanto à cor da pele, a maioria afirmou ser parda (66,67%), seguida da negra (33,33%), refletindo a diversidade étnica dos participantes. Este aspecto é fundamental para compreender como as questões de identidade racial se cruzam com suas experiências educacionais e sociais. Em relação ao estado civil a maioria dos entrevistados era solteira (83,33%), enquanto apenas 16,67% eram casados ou moravam junto. Esta variável pode influenciar as decisões educativas e profissionais dos jovens rurais, destacando diferentes perspectivas de vida e responsabilidades familiares. Por fim, a distribuição de renda entre os participantes mostrou que metade (50%) recebia entre 1 e 3 salários mínimos, enquanto a outra metade preferiu não informar sua renda ou não soube responder.

Estes dados são fundamentais para compreender as características e os desafios enfrentados pela juventude rural, além de essenciais para o entendimento a que serão conduzidos no decorrer do trabalho. Além disso, a maioria dos entrevistados mencionou a dependência de bolsas de estudo como fonte de renda e a situação financeira precária de suas famílias, enfatizando a importância do apoio financeiro para a continuidade do ensino superior. A dependência de bolsas de estudo é uma realidade comum para os estudantes rurais, que muitas vezes enfrentam graves dificuldades financeiras.

**Tabela 2** – informações sobre o meio familiar

Características	N	%
<b>Com quem mora</b>		
Pais e irmãos	2	33,33%
Marido(a)/Namorado(a)	1	16,67%
Amigos	1	16,67%
Sozinho	2	33,33%
<b>Quantos irmãos tem</b>		
1 a 3	1	16,67%
4 ou mais	5	83,33%

<b>Nível de escolaridade do pai</b> Ensino fundamental incompleto	6	100
<b>Nível de escolaridade da mãe</b> Ensino fundamental incompleto Ensino médio incompleto Ensino médio completo	4 1 1	66,67% 16,67% 16,67%
<b>Situação financeira da família</b> Menos de um salário De 1 a 2	2 4	33,33% 66,67%
<b>Acesso a serviços básicos</b> Bom Regular Ruim	1 2 3	16,67% 33,33% 50%
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>100</b>

**Fonte:** pesquisa de campo, 2024.

A segunda tabela da pesquisa apresenta detalhes cruciais sobre o ambiente familiar dos jovens rurais, enfatizando fatores-chave que ajudam a compreender as suas circunstâncias socioeconômicas e contextos de vida.

A composição das famílias entre os entrevistados revela que a maior parcela (33,33%) reside com os pais e irmãos, enquanto igual percentual vive de forma independente. Esta distribuição implica que um número significativo de jovens rurais mantém fortes laços familiares, o que poderia potencialmente impactar as suas escolhas em termos de educação e carreira.

Em termos de número de irmãos, a esmagadora maioria (83,33%) dos indivíduos tem quatro ou mais irmãos, sugerindo a prevalência de famílias numerosas. Isto poderia potencialmente afetar a disponibilidade de recursos familiares atribuídos à educação e a outros aspectos do crescimento pessoal dos jovens.

A formação educacional dos pais pinta um quadro de educação predominantemente limitada, uma vez que a maioria dos pais dos participantes concluíram apenas o ensino fundamental. Esta informação implica que o ambiente familiar é caracterizado por restrições educacionais, que podem impactar as aspirações e oportunidades educacionais percebidas pelos jovens.

Em termos de situação financeira, constatou-se que 50% das famílias enfrentavam acesso consistente ou inadequado a serviços fundamentais, sugerindo potenciais problemas subjacentes nas comunidades rurais destes jovens. Além disso, aproximadamente um terço das famílias ganhava um rendimento mensal inferior ao salário mínimo, sublinhando obstáculos econômicos substanciais que podem dificultar a sua capacidade de acesso à educação e a outras vias de crescimento.

Por meio dessas informações, podemos fazer uma análise abrangente dos atributos familiares dos jovens rurais envolvidos na pesquisa. A precária situação econômica das famílias rurais limita as oportunidades educativas dos jovens, muitas vezes forçando-os a combinar estudo e trabalho para sustentar as suas famílias, ou então pelo menos ter uma independência financeira. Além disso, a falta de recursos financeiros pode limitar a disponibilidade de materiais instrucionais e outras ferramentas necessárias para o sucesso acadêmico. Os entrevistados também destacaram a influência da família e da comunidade na escolha dos cursos e na motivação para continuar estudando.

### **3.3 Processo de análise de dados**

Ao levar em consideração a maneira como as pessoas observam, vivenciam e analisam seu tempo histórico, seu momento, seu meio social e uma variedade de perspectivas, a entrevista permite um contexto narrativo capaz de compreender a subjetividade dos indivíduos por meio de seus depoimentos.

Assim, a entrevista oferece, portanto, maiores vantagens em comparação com o questionário, haja vista que permite que o entrevistador explique o significado das perguntas e se adapte mais facilmente, não apenas aos indivíduos e às circunstâncias em que eles se desenvolvem, mas também permitir a captação das ambas comunicações orais e não orais dos entrevistados (Gil, 2008).

Na análise dos dados, utilizamos o método de organizar as falas em trechos e alinhá-los segundo eixos temáticos. Dessa forma, selecionamos os trechos de fala que melhor se adequaram ao objeto de pesquisa na entrevista transcrita, transformando cada objetivo

específico em um eixo temático. A seguir apresentamos a estrutura dos eixos temáticos com alguns dos trechos narrativos mais significantes:

### **EIXO 1: TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS E DESAFIOS DE ADAPTAÇÃO**

C1: “Eu acho que **a educação tem um papel muito importante na minha vida, porque se não fosse ela, eu não estaria aqui**. Acho que ela tem um papel muito importante, pelo menos no meu interior. Os pais, a grande maioria deles, prezam muito para que as crianças terminem pelo menos o 3º ano [...]”

C2: “Me sinto muito bem! **Sempre almejei estar no ambiente acadêmico** e conseguir adentrar esse ambiente foi muito importante para mim. Isto é, estar aprendendo **e vendo as múltiplas oportunidades que o universo universitário** oferece me deixa muito feliz.”

C3: “Bom, como mencionei, **a educação é fundamental**, pois é um direito subjetivo das pessoas terem acesso a ela, independentemente de onde estejam: **seja na zona rural ou urbana, em comunidades grandes ou pequenas**. Na minha comunidade, **antigamente era muito difícil ter acesso à educação, mas hoje em dia isso melhorou um pouco**[...]”

C4: “[...] porque **lá no interior o pensamento é que uma universidade só tem gente rica**, só se formam filhos de ricos, e **para o pobre é só um sonho**. Então, **limita muito as oportunidades das crianças que não têm nenhuma perspectiva**. Mesmo com toda a dificuldade, **conseguimos quebrar esse tabu de dizer que a universidade não é só para ricos**, que a gente pode chegar lá sim, que **a gente pode fazer universidade sim** [...]”

C5: “[...] quando era adolescente, ouvi meu tio repetir várias vezes para **minha mãe que não deveria me incentivar a fazer faculdade, pois eu provavelmente não conseguiria**. Quando passei no vestibular, lembrei imediatamente dessas palavras, foi como um tapa na cara para ele. **Não julgo o meu tio por não acreditar em mim**, na força da minha mãe ou na nossa história, mas **vejo como uma visão limitada** [...]”

C6: “[...] **não fui eu que adentrei à universidade sozinho, adentraram todos os meus familiares, sonhos, lutas, vontades, anseios, desejos** de tanta gente, de gente já falecida que não sonhava, não almejava estar ali porque sonhar custa caro, **sonhar é bastante caro**: “Tá sonhando pra quê? Se tu não vai conseguir.” Então, **dentro do meu sonho, eu não carreguei só o meu; carreguei o peso dos sonhos de muita gente**. E quando digo peso, não é negativamente, mas num sentido mais sensível [...]”

## EIXO 2: EFEITOS DA MIGRAÇÃO PARA AS ZONAS RURAIS

C2: “Eu acho que **pra mim não foi um baque**, porque como eu morei em Brasília até os 8 anos, então eu tinha lembranças de lá. [...] **Quando eu cheguei lá, eu não tinha ninguém**, a minha casa era isolada de tudo, eu pensava: ‘Meu Deus, por que estou fazendo aqui?’ [...] Mas acho que pra mim **o mais difícil foi sair do urbano para ir pro rural**, mas eu **não senti tanto pra sair do rural pro urbano** porque eu já tinha essa experiência, já sabia como era.”

C2: “Não me mudei para a cidade, mas **frequentar a universidade em um ambiente rural foi diferente da minha realidade.**”

C3: “[...] **a saudade de casa, em geral, inclui até os animais** que a gente tem lá. Às vezes, **sinto vontade de estar na comunidade por causa das mudanças** que estão acontecendo lá, como o novo cachorrinho em casa que estou ansiosa para conhecer. **Como eu lido com isso? Só vendo as fotos que minha irmã manda.** Em relação à conexão com a comunidade, **sinto mais falta em certas épocas do ano, como agora, quando as lagoas estão cheias** e as dunas se transformam em lagos [...]”

C4: “Como eu te falei, ainda pequena a gente sentiu isso nas escolas, hoje não, na universidade não sinto isso. Tipo, **se eu conseguisse entrar assim que eu vim da zona rural, aí seria bem difícil.** Como falamos, muitos são analfabetos digitais e às vezes a gente cria uma... Como é que se diz? **A gente cria uma percepção de que o professor sabe de tudo e a gente não sabe nada, a gente cria uma ansiedade**, os primeiros seminários quando a gente entra a gente prefere passar mal e não apresentar [...]”

C5:” [...] **enfrentei inúmeras questões quando cheguei em Parnaíba** pela primeira vez para fazer a matrícula na federal. Logo de início, **me espantei com o barulho, a movimentação intensa e a quantidade de pessoas na cidade.** Vindo do interior, **não estava acostumada com tanto ruído e agitação** logo pela manhã. Em 2019, **quando me mudei para Parnaíba, o conflito foi ainda maior, especialmente pela distância da minha mãe.** Não costumava ficar longe dela por tanto tempo em outra cidade [...]”

C6: “[...] **eu moro em um lugar onde há paz, o povo na calçada, as vacas passando, as cabras, e aqui é uma bagunça.** A gente fica mais ansioso com a vida aqui, nessa correria que às vezes nem é nossa, é dos outros, e a gente pega a ansiedade deles: **“Meu Deus, será que vou conseguir dar conta? Será que vou conseguir ficar aqui? Me adaptar?”** E

também a saudade de casa, porque **se você está adaptado a viver no campo, na zona rural, com aquela paz, aqui você não vai ter isso [...]**”

### **EIXO 3: POLÍTICAS PÚBLICAS E INCLUSÃO EDUCACIONAL**

C1: “Eu acho que **as políticas públicas da universidade, no caso as bolsas, elas contemplam nem todo mundo** né, mas ajudam né, as políticas públicas do meu município e a bolsa também, eu acho que **ajuda né, mas não todo mundo**, porque não tem como né. **Ajudam uma parcela e também em nem tudo né, e também nem tudo é dinheiro, nem tudo é financeiro**, mas acho que ajuda sim na permanência dos alunos.”

C2: “**Transporte é um fator fundamental** para permitir esses discentes possam estar na universidade, **recursos como a tecnologia**, acredito que seria muito importante para facilitar a situação dos jovens rurais, bem como **políticas de manutenção** desses jovens na universidade como, **por exemplo, auxílio moradia, alimentação.**”

C3: “[...]como falei o nível de abrangência e o **número real de pessoa que são ajudadas é um número pequeno, não engloba todos que precisam**, então acredito que precisa melhorar bastante, não são totalmente eficazes fica ali um meio termo de algo que tem que oferecido, **o que é eficaz tem que ser realmente eficaz e só é eficaz pra um pouco** não no total que precisa de ajuda.”

C4: “Eu penso que uma das formas de acesso, **se a universidade conseguisse manter um elo com esses municípios**, tipo Buriti, Luís Correia, Chaval, que vêm diariamente, **seria bem mais interessante do que eles ficarem dependendo só do estado**. Porque se o estado disser: **pronto, acabou, não vou mais levar ninguém, pronto, já era. Se quiser, que se vire [...]**”

C5: “[...] o fato de você ofertar uma bolsa de **400 reais que hoje em dia não é mais nem suficiente**, porque existe a saúde, transporte, aluguel, alimentação, internet pra pagar, luz pra pagar, água, **existe tudo um mundo de coisas pra você dá conta e 400 reais não sana essas dificuldades, então são bem precárias**, bem ineficientes e **não preparam o ambiente universitário para receber pessoas que vem da zona rural [...]**”

C6: “[...] é algo que ênfase muito: **o jovem sai da zona rural para estudar em busca de oportunidades e muitas vezes não retorna**, deixando a zona rural abandonada e escassa. Os jovens precisam voltar para fortalecer sua comunidade e quebrar esse ciclo que deveria ser interrompido quando saem para estudar. **As políticas públicas acabam distanciando**

**esses jovens dessa volta. Dizem: “venha para cá, vamos ajudá-lo a ficar aqui”, mas não criam condições para que eles retornem ao seu espaço de origem [...]**”

**Fonte:** entrevista semiestruturada

O foco principal do primeiro eixo centra-se no percurso educativo e na transição para o ensino superior dos jovens rurais. Os trechos selecionados enfatizam o significado da educação na vida dos participantes (C1), a emoção e a alegria vivenciadas ao ingressar no ambiente universitário (C2), as barreiras históricas encontradas no acesso à educação nas comunidades rurais (C3), o processo de superar os estereótipos de que as universidades são exclusivamente para os ricos (C4), a ausência de incentivo familiar e o triunfo pessoal de obter admissão na universidade (C5), e a realização das aspirações coletivas da família e da comunidade através da realização do sonho universitário (C6).

Por outro lado, o segundo eixo investiga os efeitos da migração, tanto para áreas rurais como urbanas, na vida dos jovens. As narrativas abrangem os desafios e ajustes encontrados na transição de um ambiente urbano para um ambiente rural e vice-versa (C2, C4), o anseio e a conexão com sua comunidade de origem (C3, C6) e os obstáculos enfrentados ao chegar a um ambiente maior com a finalidade de cursar o ensino superior (C5).

O terceiro e último eixo foca nas políticas públicas para inclusão dos jovens rurais no ensino superior (C1). Os participantes enfatizaram a importância das bolsas, reconhecendo que nem todos se beneficiam delas. Discutiram também a necessidade de infraestruturas e recursos, como transportes e tecnologia, para apoiar a sua experiência universitária (C2). No entanto, expressaram insatisfação com as políticas públicas existentes, que muitas vezes não conseguem satisfazer adequadamente as diversas necessidades (C3, C5). Além disso, foi enfatizada a importância de manter uma ligação entre a universidade e as cidades de origem dos estudantes para garantir um apoio contínuo (C4). As críticas foram dirigidas às políticas que incentivam os jovens a permanecer nas cidades, desencorajando-os de regressar às suas comunidades rurais (C6).

Ao organizar os trechos das entrevistas em categorias temáticas, foi realizada uma análise abrangente e estruturada das experiências dos jovens rurais no ensino superior. Esta abordagem esclarece os desafios que enfrentam, os progressos que alcançaram, o impacto da migração e a influência das políticas públicas na sua inclusão e permanência no ambiente universitário.

Com isso, a análise de dados coletados se deu por meio da análise de conteúdo, na qual Bardin (1977) propõe como meio de examinar as comunicações. O objetivo deste método é

fornecer uma descrição sistemática e objetiva do conteúdo das mensagens, utilizando indicadores, sejam quantitativos ou não, para obter percepções sobre a produção e recepção dessas mensagens. Essencialmente, a análise de conteúdo visa interpretar imagens ou textos de forma a compreender o seu significado, descodificando tanto as mensagens subjacentes como as explícitas do tema investigado. Estes esforços, embora de âmbito limitado, trabalham em conjunto entre si para elucidar e organizar o conteúdo das mensagens, tirando inferências lógicas sobre as origens das mensagens.

Os dados brutos obtidos de diversas fontes potenciais chegam em sua forma não processada, contendo o conteúdo explícito e aparente das mensagens. É aqui que a análise começa. Contudo, os dados em si não transmitem o seu significado; requer interpretação e exame. O analisador opera de maneira metódica e imparcial para extrair o(s) significado(s) subjacente(s) e o conteúdo oculto. A contextualização desempenha um papel crucial neste processo.

O analista é como um arqueólogo. Trabalha com vestígios: [...]. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos. [...], o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula, para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio, por exemplo. Tal como um detetive, o analista trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos (Bardin, 1977, p. 39).

Desse modo, será apresentada a síntese analítica de cada eixo temático relevando mais narrativas acerca dos objetivos da pesquisa, onde foi possível compreender sobre suas trajetórias, o efeito de migração, como veem as políticas públicas e também suas aspirações para o futuro.

## **4 ANÁLISE SINTÉTICA DO ACESSO E PERMANÊNCIA DOS JOVENS RURAIS NO ENSINO SUPERIOR**

Nessa seção será apresentada uma análise desenvolvida através do *corpus* empírico da entrevista transcrita e sistematizada com alunos atuais e egressos da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr, organizada da seguinte forma: 1) Trajetórias educacionais e desafios de adaptação; 2) Efeitos de migração para as zonas urbanas; 3) Políticas públicas e inclusão educacional.

### **4.1 Trajetórias educacionais e desafios de adaptação**

Este tópico apresenta uma síntese analítica dos percursos educativos e os desafios enfrentados por seis jovens rurais ao ingressarem e permanecerem no ensino superior. Levando em consideração vários aspectos, incluindo as suas experiências de transição para o ensino superior, as influências externas, os obstáculos encontrados, a educação pré-universitária, o significado da educação em suas vidas e suas interações com os professores.

No início do seu percurso universitário, os jovens rurais muitas vezes experimentam uma sensação de inadequação e baixa autoestima. Este sentimento de não pertencimento é uma experiência partilhada entre os estudantes rurais, à medida que navegam num ambiente acadêmico que contrasta fortemente com a sua educação.

Conforme C5 relata:

“Eu me sentia um peixinho perto de uma baleia gigante, para citar uma metáfora. [...] Eu, apenas com meu mero ensino médio, me sentia um pouco fora d’água, um pouco fora de lugar e, digamos, inferior, com a autoestima bem baixa nos primeiros períodos.”

Essa questão ilustra a percepção de inferioridade e a luta para se adaptar a um novo contexto acadêmico. Uma razão potencial para isto poderá ser o fato de os indivíduos categorizados como jovens rurais serem vistos como um grupo distinto, representando uma minoria dentro da maior população jovem do país (Castro, *et al.* 2019). C6 compartilha uma sensação semelhante:

“A gente tem a sensação de deslocados que aquele espaço não é nosso[...] no início por não me encaixar, mas com o tempo, por vivenciar essas coisas fui percebendo e conseguindo me encaixar e pensar: aqui eu posso construir meu espaço.”

Além disso, muitos desses jovens acabam sofrendo algum tipo de discriminação ao chegar à cidade, com comparações pejorativas relacionadas ao mundo rural e a desvalorização das características rurais no mundo urbano “ou seja, a associação do imaginário sobre o “mundo rural” ao atraso e a identificação dos jovens como roceiros, peões, aqueles que moram muito mal” (Castro, *et al.* 2019).

C6 destaca um acontecimento que reflete a forma que ainda tem ocorrido essa interpretação:

“[...] eu me comportava e falava coisas do meu contexto popular e algumas pessoas riam ou brincavam [...] referente a onde eu morava, fui chamado de matuto: olha lá, veio dos matos [...] em algumas coisas eu me sentia atrasado [...] eu me senti excluído no início por não me encaixar [...]”

Neste sentido, C5 relata que também sofreu preconceito ao ingressar na universidade:

“[...] houve determinadas situações em que também sofri um pouco de preconceito, pois quem é do interior tem seu jeito de ser, tem seu jeito de falar. Enfim, sofri um pouco de xenofobia”.

Entretanto, apesar das dificuldades iniciais, alguns estudantes conseguem superar esses desafios e constroem uma identidade acadêmica ao longo tempo. Este processo de adaptação é frequentemente facilitado pela participação em atividades acadêmicas e projetos extracurriculares. Nesse sentido, C6 menciona sua ampla participação em diversos projetos:

“Ah, sim, além do Mariscando Cidadania, teve Residência Pedagógica, projeto de novas tecnologias [...] o projeto de nivelamento da federal, fui estagiário da federal [...] também era diretor de cultura do CA de pedagogia [...]”

Essas atividades não apenas proporcionam um senso de pertencimento, mas também contribuem para a construção de um olhar mais claro e motivado sobre seu curso e futuro profissional:

“Participando desses projetos, fui construindo minha visão. Então pensei: não, realmente, agora vivenciando mesmo tudo isso, e até mesmo vendo YouTube, porque eu via as disciplinas e como era o curso antes de entrar [...]”

A grande maioria dos estudantes demonstra uma satisfação imediata ao ingressar na universidade, tendo sempre almejado um ambiente acadêmico e visto a educação como um divisor de águas em suas vidas. C2 destaca que “[...] *sempre quis estar no ambiente acadêmico e conseguir adentrar nesse ambiente foi muito importante pra mim [...] vendo as múltiplas oportunidades que o universo universitário oferece, me deixa feliz.*”

C3 compartilha de um pensamento parecido:

“[...] a educação me encanta, apesar das dificuldades e dilemas que a gente vive [...] mas a universidade é algo que me realizou pessoalmente e esta me realizando profissionalmente [...] mesmo com toda dificuldade, conseguimos quebrar esse tabu de dizer que a universidade não é só para ricos, que a gente pode chegar lá sim, que a gente pode fazer universidade sim, que a gente pode chegar onde quiser, dependendo da nossa determinação e das oportunidades que surgirem para a gente e que a gente agarre.”

A transição para o ensino superior também é afetada por influências externas e barreiras significativas. Muitos jovens rurais enfrentam barreiras socioeconômicas, culturais e emocionais que impactam o seu percurso acadêmico, “as trajetórias podem ser diversas e dependem das condições de trabalho e renda no meio rural, dos níveis de escolaridade alcançados e das características etnoculturais e socioambientais que esses jovens estão vivenciando” (Marinho, 2014, p. 204). A resiliência e a determinação para superar estes desafios foram pontos comuns entre os entrevistados, destacando a importância do apoio familiar, do corpo docente e dos programas de inclusão para garantir a sua persistência e sucesso no ensino superior.

Ao discutir a trajetória de vida dos professores, o entrevistado expressa profunda admiração, enfatizando o comprometimento e os sacrifícios pessoais que muitas vezes são necessários para que alcancem realizações profissionais. Isto sublinha a importância de reconhecer não apenas o impacto educativo dos professores, mas também as suas narrativas pessoais como fonte de inspiração para os alunos.

“Como eu falei, os professores têm uma história de vida tão bonita [...] porque, às vezes a gente vê e se identifica [...] uma trajetória de vida admirável [...] eu admiro muito, porque chegar

naquele espaço não era fácil e ainda não é para qualquer um chegar. Tem que ter muita dedicação [...] muitos abdicaram de muitas coisas para estar ali e ter uma carreira. É muito bom ter professores assim.” C4

A importância de sonhar é enfatizada pelo entrevistado C5, que também nota os constrangimentos enfrentados por indivíduos nas regiões rurais. A jornada pessoal do entrevistado na busca pelo ensino superior não apenas realizou suas próprias aspirações, mas também despertou um senso de possibilidade entre aqueles que o rodeavam.

“[...] a capacidade de sonhar é tão importante, participei de uma aula [...] no NEGRACT, onde discutíamos como para as pessoas de áreas rurais, o sonho é frequentemente limitado, é difícil imaginar-se em uma realidade diferente. Quando entrei na faculdade, ouvi vários primos que nunca tinham tido esse tipo de fala antes dizerem que também queriam seguir meus passos e ir para uma faculdade. Quando me formei, foi uma emoção imensa para a minha família, e percebo que não apenas para mim, mas principalmente para a minha família e a comunidade onde vivo.”

Durante a entrevista, um dos jovens relata sua jornada pessoal de encontro com o desconhecido ao entrar na universidade:

“[...] como entrei na universidade com [...] acho que foi com 16, sentia muita saudade de casa da minha família. Tinha muito apego familiar, porque era só eu, meu avô e minha avó, éramos nós três sempre. Quando me deparei, sempre sentia falta da minha mãe, e lembro que as professoras [...] faziam esse papel de mãezona. Quando estava com saudade de casa, quando queria desistir do curso e voltar pra casa, eram elas que me chamavam para me acolher e abraçar. Várias vezes diziam: Olha, sua mãe não está aqui, mas nós estamos, nós também somos mães [...] eu queria desistir do curso [...] não estava aguentando porque achava que não era meu espaço. Então todos os professores que me acolheram, tenho uma gratidão enorme.” C6

Neste sentido, para C6, a importância dos professores vai além do seu papel como meros transportadores de informação; eles também servem como pilares emocionais, assumindo até mesmo o papel de “mãe” para os alunos que enfrentam obstáculos emocionais e acadêmicos consideráveis. Isso ressalta a importância da conexão emocional entre professores e alunos.

A análise destes trechos de entrevistas chama a atenção para os intrincados percursos educativos percorridos pelos jovens das zonas rurais e para os obstáculos que encontram na transição para o ensino superior. Além disso, Segundo Paula (2015), a falta de um sistema educacional bem-sucedido nas áreas rurais resulta na falta de conteúdos educacionais

consolidados para os jovens residentes nessas regiões. A questão fica clara à medida que alguns entrevistados expressam os desafios que enfrentaram em determinadas disciplinas por acreditarem que sua formação era insuficiente.

“[...] a disciplina de Novas Tecnologias, embora tenha sido uma das mais fáceis para muitas pessoas. Pra mim, foi uma das mais difíceis porque, como vinha de uma realidade rural, não tinha acesso a computadores [...] senti muita dificuldade [...], mas graças a Deus tivemos três monitores na disciplina e recebi muita ajuda dos meus colegas de classe.” C5

“[...] quando a gente entra na universidade, recebe uma bagagem muito grande, que já devia ter recebido, em parte, no ensino médio [...] nem todos tem a oportunidade de estar em uma escola que tem a visão de preparar você para entrar na faculdade [...] eu tive que pegar muita bagagem que já devia ter recebido muito antes [...]

Neste sentido, além de todos os desafios, há um déficit de aprendizado que deveria ter sido abordado ainda na educação básica. Muitos são os desafios, mas os jovens ainda se mostram realizados pelo espaço conquistado. Paula (2015) destaca a importância de reconhecer a natureza diversa dos jovens, cada um possuindo qualidades únicas. Além disso, a população jovem varia com base na localização geográfica, influências culturais e perspectivas individuais. Os entrevistados, que se identificam como jovens rurais, compartilharam atributos comuns que associam à sua educação em áreas rurais.

#### **4.2 Efeitos de migração para zonas urbanas**

Este tópico oferece uma análise sintética dos efeitos de migração dos jovens rurais para as zonas urbanas, considerando como um fenômeno multifacetado, envolvendo uma série de fatores econômicos, sociais e culturais. Revelando que a dualidade nas perspectivas de vida dos jovens rurais reflete escolhas entre permanecer no campo, buscando redução da exclusão social e oportunidades de emprego ou migrar para áreas urbanas em busca de independência e estabilidade financeira “Em síntese pode-se afirmar que os estudos sobre juventude rural abordam duas dinâmicas: a da saída dos jovens do meio rural (migração, êxodo) e da Permanência dos jovens no meio rural (sucessão, reprodução da agricultura familiar).” (Kummer e Colognese, 2000).

Ao investigarmos os efeitos de migração dessa parcela da sociedade, é necessário levar em conta aspectos como o modo de vida, as relações sociais, as condições estruturais, assim como as oportunidades ofertadas a esses jovens. A esse respeito, Brumer (2007) nos traz uma reflexão a ser levada em consideração em relação ao avanço dos conhecimentos acerca das tendências migratórias e da forma como esses jovens enxergam a atividade agricultora:

Dado o avanço dos conhecimentos sobre as tendências migratórias e a visão dos jovens sobre a atividade agrícola, parece importante a inversão da questão, procurando examinar as condições que favorecem sua permanência. Neste sentido, são importantes os estudos que analisam o modo de vida, as relações sociais, as condições estruturais, as oportunidades de lazer e acesso a atividades agrícolas e não-agrícolas, para jovens de ambos os sexos. Dentro desta perspectiva, faltam estudos que particularizem as relações sociais e diferentes regiões do Brasil. (2007, p. 41)

A autora ainda destaca que, ao analisar trabalhos acadêmicos sobre a questão dos jovens rurais migrantes, salienta-se que o foco destes estudos se manifesta principalmente em descrições negativas das atividades rurais e agrícolas. Dessa forma, os espaços rurais carregam um estigma de complexo de inferioridade.

Os entrevistados refletem essas percepções. C6 defende que interior não é sinônimo de inferior, afirmando:

“[...] parasafreando Bráulio Bessa: interior não é sinônimo de inferior e a gente que sai do interior, independentemente de ser zona rural ou das comunidades pesqueiras, tentam estampar na nossa cara que a gente não tem cultura e é muito pelo contrário, a gente vem do berço da cultura popular e é o que devemos fazer, levantar esse orgulho não só de ser nordestino, mas de ser do interior [...]”

A transição da vida rural para a vida universitária nas zonas urbanas representa um grande desafio para muitos jovens, especialmente aqueles que enfrentam mudanças culturais e estruturais tão drásticas.

Os dados demográficos da população brasileira atestam a continuidade do processo de migração rural-urbana nas últimas décadas. Brumer (2007) destaca que as razões da migração rural são, por um lado, a atratividade da vida urbana, principalmente a opção de trabalho remunerado (fatores de atração), e por outro lado, as dificuldades de vida e de atividades agrícolas nas zonas rurais (fatores repulsivos).

Em entrevista, um dos participantes relata a sua experiência de migrar da área rural para a urbana, refletindo sobre as diferenças significativas entre os dois ambientes. Segundo ele:

*“Foi bem difícil a fase de adaptação, em uma nova cidade totalmente diferente, com uma realidade de pessoas que acabam chocando muito com a minha” (C5).*

Além disso, devido à migração de jovens para os centros urbanos, a capacidade de visitar regularmente as suas cidades de origem torna-se cada vez mais desafiadora. Isto é atribuído principalmente ao elevado custo de vida nas cidades e ao fato de estes jovens frequentemente provirem de meios economicamente desfavorecidos.

Neste sentido, surgem as questões de transporte e questões financeiras: “são 14 horas de viagem, muito longe mesmo e é caro também [...] eu tô há dois anos aqui e sabe qual foi o dia que eu fui em casa? Passei a virada do ano passado [...] ” (C1). O mesmo entrevistado também observou a adaptação emocional como um aspecto importante desta transição:

“[...] eu acho que o primeiro ano pra mim a saudade não foi tanta, não pegou tanto sabe, mas depois do primeiro ano, no segundo, eu acho que pega mais. Eu acho que fico com mais saudades de lá. Eu não visito muito sabe? Tô ficando até emocionada... [choro] eu vou pra lá nas férias, mas as férias têm que ser longas e eu tenho que tá com dinheiro, porque é muito caro [...]”

Os demais entrevistados também citaram a saudade como um dos pontos que mais impactaram essa transição para frequentar a universidade na zona rural:

“[...] a questão da saudade é difícil. Eu costumo falar com meus pais pelas redes sociais ou por ligação [...] quando minha irmã tá com saudades de mim, ela vê algo no Instagram e manda um reels [...] então tento lidar com isso ligando quando posso. A saudade de casa envolve até os animais que a gente tem lá [...] sinto vontade de tá na comunidade pelas mudanças que tá tendo lá, como o novo cachorrinho em casa, que estou ansiosa pra conhecer. Como eu lido com isso? Só vendo as fotos que a minha irmã manda [...] sinto mais falta em certas épocas do ano, como agora, quando as lagoas estão cheias [...] fico desejando ir ao festejo, às lagoas, a praia, beber água de coco.” (C3)

“A saudade era o ponto mais difícil pra mim. Minha mãe sempre encontrava um jeito de ligar pra mim nos finais de semana, pois durante a semana eu estava na universidade e nos primeiros períodos tínhamos disciplinas em diferentes turnos. O que tornava mais difícil ter contato [...] era muito difícil pra mim; muitas vezes eu chorava antes de dormir e acordava com os olhos inchados no dia seguinte. Quando havia dinâmicas na sala de aula que abordavam nossas origens [...] eu sempre ficava angustiada e muitas vezes chorava.” (C5)

“[...] quando sentia saudades de casa, eu ia para a casa de algum colega [...] eu tinha minha família de sangue e a família que a pedagogia me deu, e tenho até hoje. Foi uma forma de aliviar a saudade de casa, construir outra casa. Também pensar que eu não estava ali por acaso, tudo que eu estava vivendo era por eles também, pela minha família. Isso dá um gás enorme para aguentar tanta coisa.” (C6)

Assim, a saudade de casa e a desconexão das comunidades rurais descritas surgem como um desafio constante. Estas narrativas destacam não só as diferenças práticas entre os contextos, mas também as complexidades emocionais enfrentadas pelos jovens rurais à medida que ingressam no ensino superior urbano. A esse respeito, os jovens se sentem divididos entre permanecer em sua comunidade e a atração pelo que a vida urbana pode oferecer.

Com base nos rurais existe um equilíbrio entre as duas tendências de expectativas, fruto do antagonismo que assola esse grupo, dividido entre o desejo de permanecer na terra, devido ao vínculo cultural existente e às possibilidades de trilhar projetos mais individualizados a partir da mobilidade para cidade, atraído pelas inovações da vida urbana e principalmente pela “vida trabalhosa no campo” e falta de perspectivas. (Marinho, 2014, p. 174)

O questionamento: Você acredita que a migração para a zona urbana teve um impacto significativo em suas perspectivas de carreira? Possibilitou identificar alguns fatores que muitas vezes acabam interferindo na busca desses jovens pelo ensino superior:

“[...] dentro da zona rural a gente é alimentado pelos estereótipos e inseguranças da nossa família. Então, não queira sonhar alto porque nós somos de zona rural e as oportunidades são escassas. Quando a gente vem pra cidade, é como se fosse o mito da caverna: saímos e vemos que tem oportunidade, mesmo sendo pouca [...] a gente não consegue enxergar essas oportunidades pra lá [...] a gente acaba construindo aqui outra forma de pensar, e as pessoas do interior acabam achando que a gente não vai conseguir certas coisas porque eles também não conseguiram, e é um ciclo, né? [...] hoje, minha mãe sempre acredita que as oportunidades existem [...] quando fui pra Argentina ano passado, em março, pra falar sobre o protagonismo de jovens nordestinos, minha mãe nunca imaginou que eu fosse entrar num avião e viajar. Ela achava que a Argentina era aqui no Brasil. Então, são certas coisas fora da realidade deles que a gente consegue vivenciar através da educação. A gente pensa: “a gente conseguiu”. E eu nunca falo que consegui sozinho [...] porque se consegui certas coisas na minha vida, mesmo que pouco na visão de outras pessoas, foi com o apoio de muita gente [...] o “nós” eu sempre costumo usar pra fortalecer a luta de várias pessoas que sempre estiveram comigo. A educação faz isso pra gente: proporciona uma visão diferente.” C6

Além disso, esses jovens ingressam na universidade trazendo sonhos e anseios que nem sempre são só deles, sonhos e aspirações de quem nunca se viu saindo da área rural, por acreditar ser fora da realidade. Nesse sentido, essas trajetórias sugerem que os jovens muitas vezes buscam um modo de vida que seus pais ainda não experimentaram, visto que não experienciaram os efeitos da migração para o ambiente urbano.

Algumas trajetórias mostram jovens em busca de um modo de vida que ainda não foi experimentado por seus pais, pelo menos na forma como eles projetam essa vida, através de ideias e comportamentos, na forma de uma vida que conciliasse o melhor do campo, com o melhor da cidade. A aproximação entre a vida no rural e no urbano que esses jovens buscam se efetivaria através do acesso ao transporte e comunicação mais eficiente, que encurtariam a distância e aumentariam a quantidade da qualidade das trocas materiais e simbólicas. (Tavares, 2009, p.247)

Nesta perspectiva, Tavares menciona que os jovens não abandonam suas comunidades por vontade própria, existe diversos fatores que colaboram com esse processo, e nessa tentativa de conciliar a zona urbana com a zona rural, acabam optando por migrar de vez para a cidade, como destaca (C4):

“Às vezes, a vontade da gente é: “vou voltar lá, porque eu vou fazer por eles o que não foi feito por mim”. Mas a necessidade da gente vai de encontro. A vontade é grande, mas a necessidade é maior. [...] Num lugar que não te dá infraestrutura, nada de saúde, segurança, transporte, como que você vai ter condições hoje, no século XXI, de se manter num lugar desses, de uma forma digna, de manter sua família? [...] Por mais que ele more na zona urbana, até você se deslocar de um lugar pra esse é muito cansativo. [...] Se fosse pra fazer isso, eu pedia uma portaria e fazia o que estão fazendo: chegar, pegar o livro, copiar no quadro, mandar os meninos copiar, receber o dinheiro e ir embora.”

Assim, percebemos um conflito entre a vontade de retornar e ajudar sua comunidade e a realidade das necessidades básicas não atendidas. A estrutura precária, a falta de serviços essenciais como saúde, segurança e transporte, e o cansaço do deslocamento são desafios enfrentados por muitos. Paradoxalmente, a disponibilidade limitada de recursos muitas vezes dificulta o crescimento educacional dos jovens rurais, alimentando potencialmente a tendência de migração (Brumer, 2007).

Logo, se faz necessário compreender os desafios enfrentados pelos jovens no seu cotidiano, como o esforço necessário para prosseguir os estudos, passa por considerar fatores importantes como as distâncias entre as suas residências e a localização das escolas. Isto é

particularmente significativo porque o ensino das séries finais do Ensino Fundamental e Médio é ministrado exclusivamente na sede municipal (Tavares, 2009).

### **4.3 Políticas públicas e inclusão educacional**

Nos últimos vinte anos, houve um esforço notável entre os formuladores de políticas no Brasil para reconhecer e apoiar os vários grupos sociais que residem no ambiente rural. Isto resultou no desenvolvimento de políticas direcionadas para os agricultores familiares e, mais recentemente, para populações como quilombolas, extrativistas, pescadores artesanais e comunidades indígenas. Além disso, existem programas concebidos especificamente para atender às necessidades das mulheres e dos jovens dentro destas categorias sociais.

“as ações de governo identificadas e efetivas com o recorte juvenil, ou seja, com escopo específico para a juventude, no espaço rural, entre 2003 e 2010, foram realizadas pelo MDA, Incra, MEC e MTE e priorizaram a disponibilização de crédito para aquisição de terra ou para a realização de projetos técnicos, de formação em educação do campo e de produção agropecuária, centrados no PNCF-NPT e Pronaf Jovem, além do Pronera, que é realizado pelo Incra, o qual aborda de forma transversal os(as) jovens do campo, bem como o ProJovem Campo, executado pelo MEC, e o Consórcio Rural da Juventude, que foi realizado pelo MTE em parceria com as organizações sindicais” (Bacellos e Mansan, 2014, p. 206).

No entanto, dentro do discurso contínuo em torno das políticas de juventude no Brasil, existe um conflito notável entre a clareza percebida do assunto e os desafios associados à sua definição mais precisa. Embora o termo “juventude” seja frequentemente invocado na retórica e nas agendas políticas, permanece um nível significativo de ambiguidade e inúmeras perguntas sem resposta sobre o seu verdadeiro significado. O que motivou a recente ênfase na juventude como uma questão significativa? Como justificar a necessidade de políticas dirigidas a este grupo demográfico? E o que diferencia os jovens de outros segmentos da população? (Abramo, 2005).

O acesso ao ensino superior para os jovens oriundos de zonas rurais é muitas vezes regulado por políticas públicas, tais como cotas e programas de bolsas de estudo. Embora importantes, estas políticas ainda enfrentam desafios de implementação e cobertura, muitas vezes não conseguindo chegar a todos os jovens que necessitam desse apoio.

Os relatos dos entrevistados revelam que muitos jovens rurais se beneficiam das políticas de cotas e programas de bolsa de estudo para ingressar no ensino superior. No entanto, esses benefícios não são universalmente acessíveis. Por exemplo, C1 menciona que:

“[...] entrei por cota de raça e escola pública também, renda eu também passava, porque a renda da minha casa é bem baixa, mas é muito chato ter que provar e a gente não sabia mexer muito bem nesse negócio, aí eu disse: não, eu vou colocar só por raça e escola pública.”

C5 também se beneficiou de cotas raciais: “Sim, eu entrei por cota de negros, pardos ou indígenas.”

Por outro lado, alguns estudantes como C3, ingressaram na universidade por ampla concorrência, sem o auxílio de cotas ou bolsas: “Eu entrei por ampla concorrência, não entrei por cota [...] não tive nenhuma ajuda do governo.” O que também destaca o participante C6: “Não, não entrei por cota, entrei por ampla concorrência mesmo. Quando entrei no curso de Educação física na rede privada, consegui uma bolsa de 100%”.

Embora a política de cotas e bolsas sirva como uma ferramenta crucial para garantir a igualdade de oportunidades no ensino superior, ela encontra obstáculos substanciais.

A multidimensionalidade da categoria juventude rural também deve ser compreendida a partir dos componentes étnico, de gênero, territorial, de orientação afetivo-sexual e religioso. Se por um lado todos estes componentes devem ser considerados quando nos referimos à política pública de juventude rural, por outro vemos que a tradição brasileira é pouco permeável a estas questões, haja vista a tendência homogeneizante dos desenhos institucionais das políticas públicas, bem como seu alto grau de burocratização e de insuficiente condição de participação. (Galindo, 2014, p. 122)

A presença de burocracia e de requisitos de elegibilidade intrincados pode inadvertidamente excluir estudantes que realmente necessitam de assistência extra para se matricularem com sucesso e persistirem na universidade.

Isto sublinha a necessidade de uma abordagem abrangente e empática que atenda verdadeiramente às necessidades individuais dos estudantes, em vez de meramente rotulá-los como destinatários de políticas públicas, “mediante essa realidade, entende-se que seja necessário refletir e elencar alguns pontos para provocar o debate sobre as políticas públicas em juventude rural até o momento” (Barcellos e Mansan, 2014, p. 208).

“[...] é irônico ver bolsas sendo concedidas a quem não tem tanta necessidade, enquanto muitos outros que realmente precisam são deixados de lado. É uma questão de inclusão, mas como incluir quando a política inclui quem menos precisa?” C6

Segundo a maioria dos entrevistados, as bolsas existem, mas sua eficácia é limitada a uma parcela dos indivíduos, levando à crença de que deveriam ser reavaliadas e conduzidas de forma diferenciada, como enfatiza C3:

“[...] o numero real de pessoas que são ajudadas é um número pequeno, não engloba todos que precisam, então acredito que precisa melhorar bastante, não são totalmente eficazes, fica ali no meio termo de algo que tem que ser oferecido [...] só é eficaz para alguns e não pra todos [...]”

Historicamente não houve muitas transformações na educação em áreas rurais como ocorreu nas zonas urbanas, apontando para “a necessidade da oferta de oportunidades educacionais que ministrem aos jovens rurais a instrução necessária para estarem incluídos socialmente tornando-se ‘atores sociais’” (Paula, 2011, p.1).

A infraestrutura muitas vezes instável das escolas rurais e a falta de internet de qualidade são barreiras adicionais que dificultam a preparação adequada destes estudantes para o ensino superior, o tema da participação política da juventude rural não tem recebido tanta atenção nos estudos como questões como a educação nas zonas rurais, a reprodução social e a migração (Castro, *et al.* 2019).

“[...] no meu ensino médio, como já mencionei, foi bastante conturbado. No ano em que fiz o Enem, no terceiro ano do ensino médio, foi especialmente difícil. Fiz o Enem apenas uma vez na vida, nesse ano específico. Em 2018, enfrentei três greves na minha escola, o que foi um dos problemas que tive que lidar. Tanto no ensino fundamental quanto no médio, infelizmente as aulas não me prepararam adequadamente para o que o ensino superior exigiria. Não culpo os professores, mas sim o governo e toda a situação precária em que vivemos.” (C5)

Conforme afirmou o estudante, a preparação inadequada para o ensino superior é indicativa de deficiências nos currículos escolares e na gestão educacional. Infelizmente a escola no campo “sempre foi questionada pelas suas características. E uma análise mais cruel vai afirmar que ela é a sobra da escola urbana, quase que no sentido literal da palavra, desde materiais, estruturas, até mesmo no que tange a profissionais e conteúdos” (Pontes, 2012, p. 12).

Estas deficiências não afetam apenas o desempenho individual dos alunos, mas também perpetuam as desigualdades sociais destacadas por Bourdieu.

Como sempre, a escola exclui; mais a partir de agora, exclui de maneira contínua, em todos os níveis e cursos... Esconde a diversidade das coisas, que é estabelecimento indicado pelos orientadores escolares, é um lugar que reagrupa os mais desprovidos, que o diploma para o qual se preparam é um certificado sem valor... Outros tantos sinais de adesão manifestados diante da instituição escolar pelas crianças oriundas das famílias populares (Bourdieu, p. 243).

Nesse sentido, a categoria social juventude rural “precisa ser reconhecida e deve estar integrada ao debate das políticas públicas” (Galindo, 2014, p. 124), C5 destaca os seguintes recursos que as políticas públicas deveriam oferecer aos jovens para ingresso e permanência na universidade:

“Eu acredito que um apoio financeiro maior que seja condizente com as necessidades [...] porque falta interesse e iniciativa. Também principalmente, sobretudo, um apoio psicológico [...] eu não sabia muito bem a quem recorrer e o apoio psicológico que eu encontrei foi o plantão que tinha no serviço da escola de clínica de psicologia na própria universidade [...] esse plantão tinha um limite [...] de 4 sessões por estudante, a partir do momento que você esgota as quatro sessões, você já não pode mais ter direito ao atendimento com o psicólogo, vai ter que entrar pra fila da terapia e até isso é reduzido. Digamos que é totalmente ineficiente e eu acho que seja focar nesses dois pontos inicialmente, tanto financeiro quanto psicológico.”

Ainda nesse sentido, a partir da colocação dos participantes ficou evidente que questões financeira, psicológica e transporte são pontos que devem ser aperfeiçoados para melhor atender essa categoria: “Eu acho que o psicológico pesa muito, eu acho que devia ter um suporte psicológico, porque é um baque a separação, mas também acho que devia ter mais apoio financeiro [...]” (C1). “[...] é importante ampliar os benefícios para os alunos que vem de fora. Por exemplo, um vale transporte é muito importante por causa da renda dos alunos.” (C3)

Inegavelmente, a necessidade da juventude rural como uma categoria política revela uma mudança notável em sua visibilidade e influência. Ao longo da história, esses jovens rurais desempenharam papéis intrincados, moldando as tramas das organizações sociais. No que se refere a essa questão, Abramo (2005, p. 40) conceitua:

Diversos tem sido os pontos de partida deste debate: um deles é o que de foca nas condições e possibilidades da participação dos jovens na conservação ou transformação da sociedade e seus traços dominantes, examinando seus valores, opiniões e atuação social e política que desenvolvem para avaliar como os jovens podem vir a interferir no destino do país e também nas questões singulares que os afetam. Outro é o que torna a juventude como contingente demográfico e busca verificar as características que informam a respeito das situações de inclusão e exclusão dos diferentes subgrupos de jovens e sobre as vulnerabilidades que os afetam especialmente, para concluir os focos prioritários para as políticas sociais necessárias. Outro, ainda, é o que, partindo da postulação do jovem como sujeito de direitos, busca examinar o que constitui a singularidade da condição juvenil e quais o direito que dela emergem, e que devem ser garantidos por meio de políticas públicas.

O reconhecimento dos jovens como titulares de direitos é uma perspectiva que visa garantir a proteção desses direitos através da implementação de políticas públicas. A inclusão de várias abordagens nesta discussão acrescenta profundidade à conversa e serve como um lembrete da natureza multifacetada da juventude, que abrange mais do que apenas fatores demográficos e abrange o domínio dos direitos e do envolvimento significativo na sociedade.

#### 4.3.1 Perspectivas para o futuro

Ao analisar as respostas dos entrevistados sobre suas perspectivas futuras após a conclusão do curso de Pedagogia, percebe-se uma diversidade de aspirações e incertezas, refletindo os desafios e as oportunidades que permeiam suas trajetórias.

Alguns entrevistados expressam uma incerteza em relação ao futuro, mencionando o desejo de passar em um concurso, mas sem saber ao certo se retornará a sua cidade natal ou buscará oportunidades em outras regiões. Como afirma C1: “Eu penso em passar em um concurso, né (risos). E aí eu acho que depois que eu me formar não sei o que vou fazer, se vou voltar pro Ceará. Eu tava até falando pras meninas: ‘vou trancar o curso, porque eu não quero mais ficar aqui’.” Ele destaca a questão da politicagem nas escolas de sua cidade natal, questionando o valor de seu diploma em um cenário de falta de oportunidades: “As escolas de lá, elas são muito por politicagem e saem muito ocupadas por gente que não tem uma formação, um preparo.” Sua fala reflete uma tensão entre o desejo de contribuir com a educação em sua cidade, onde vê um ensino de qualidade, e as barreiras estruturais.

Por outro lado, C2 aponta para um cenário ainda mais desafiador, marcado pela percepção de que a profissão de pedagogo é socialmente atribuída às mulheres, o que, segundo ele, pode ser um obstáculo para sua atuação: “Mediante a defasagem da profissão, bem como os empecilhos/obstáculos para um profissional homem atuar em uma profissão que a sociedade espera que seja uma mulher.” Ele também revela um interesse pela pesquisa acadêmica: “Desde que conheci a disciplina de metodologia do trabalho e da pesquisa em educação, me interessei muito pela pesquisa, e nesse sentido, quem sabe, um mestrado/doutorado.”

Já o colaborador 3 demonstra um plano mais definido, focado na busca por estabilidade financeira e satisfação pessoal através da academia: “O foco é uma estabilidade financeira para mim e para minha família, para que de fato não precisemos nos preocupar muito com essa questão. Então, estudar é fundamental.” Ele menciona o desejo de seguir uma carreira acadêmica: “Eu pretendo fazer um mestrado e um doutorado, pois a área que eu quero é dentro

da universidade.” Além disso, C3 expressa a ambição de, um dia, lecionar na própria universidade onde se formou: “Essa é minha aspiração para o futuro: dar aula na universidade.”

Essas diferentes respostas ilustram como os fatores socioeconômicos, as experiências pessoais e as percepções sobre o mercado de trabalho influenciam as aspirações dos jovens em relação ao futuro. Enquanto C1 e C2 expressam incertezas e dificuldades, C3 tem um objetivo claro e ambicioso, refletindo a complexidade das trajetórias profissionais e pessoais desses entrevistados.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final desta pesquisa, revisitamos o problema central que nos guiou: Quais os principais fatores que influenciam a trajetória dessa juventude rural e como as políticas públicas podem ser aprimoradas para melhor atendê-los? Desta forma a investigação buscou compreender as nuances dessa trajetória, considerando aspectos culturais, socioeconômicos e geográficos.

As discussões e reflexões acerca dos alcances dos objetivos, possibilitou através do primeiro eixo temático “Trajetórias educacionais e desafios de adaptação” identificar que o ingresso no ensino superior é um momento cheio de desafios para a juventude rural, se comparados com a juventude urbana. Nesse sentido, os sentimentos de inadequação e baixa autoestima foram trechos comuns relatados pelos entrevistados. No entanto, ao entrar no curso, a forma como os docentes e os demais atores da universidade os recebem, bem como a participação em atividades acadêmicas e projetos extracurriculares, foram de grande contribuição para a construção de sua identidade acadêmica.

Por sua vez, o segundo eixo “Efeitos de migração para as zonas urbanas” permitiu uma investigação acerca dos fatores que moldam as trajetórias dos jovens rurais. A migração para as zonas urbanas, a busca por oportunidades educacionais e a construção de um olhar mais claro sobre o curso foram aspectos centrais. Nesse sentido, os jovens saem do campo em busca de independência financeira, não só para si, mas também para suas famílias. Mas ao mesmo tempo, devido a fatores como a estrutura do setor da educação e a falta de oportunidades de emprego, acabam por ficar na cidade e só regressam para visitar familiares.

Nas significações desses jovens, relatadas no terceiro eixo “Políticas públicas e inclusão educacional” apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas, a maioria demonstra satisfação ao ingressar na universidade. Para alguns as políticas públicas tiveram um reconhecimento importante e sensível às suas especificidades. Os jovens defendem políticas públicas

abrangentes que atendam às necessidades de todos os estudantes, e não apenas de alguns selecionados. É imperativo fornecer apoio inclusivo não apenas durante a fase inicial de matrícula, mas também ao longo de todo o seu percurso acadêmico. Isto implica oferecer acesso sem complicações a alojamentos estudantis de qualidade e bolsas estudantis justas, inculcando um sentido de motivação e promovendo a crença de que é possível alcançar e manter a educação.

Contudo, apesar dos progressos, permanecem algumas lacunas. É necessário explorar mais profundamente as barreiras culturais enfrentadas pela juventude rural. Como podemos proporcionar uma educação que respeite e valorize as suas raízes? Além disso, devemos avaliar criticamente as políticas públicas existentes. Como podemos torná-las eficazes na promoção da inclusão educacional da juventude rural, seja no ensino básico, seja no ensino superior? O acompanhamento e o suporte de forma contínua aos estudantes rurais são de extrema importância.

É importante destacar a necessidade de se envolver em uma análise e discussão aprofundadas deste assunto, pois proporciona aos jovens que estão em transição para a esfera acadêmica uma nova perspectiva de vida. Além disso, leva-nos a contemplar o valor de um sistema educativo inclusivo que não só facilita a entrada destes jovens, mas também apoia a sua permanência.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena, Wendel. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da Juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

BARCELLOS, Sergio Botton; MANSAN, Paulo Rogerio. Juventude rural e políticas públicas no Brasil: balanço, perspectivas e questões para o debate. In: MENEZES, Maria Aparecida de; STROPASOLAS, Valmir Luiz; BARCELLOS, Sergio Botton (Orgs.). **Juventude e políticas públicas no Brasil**. Brasília; Presidência da República, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, Pierre. 2002. **O Capital Social: notas provisórias**. In: BOURDIEU, P. Escritos de Educação. Tradução Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Vozes. Rio de Janeiro, RJ. Brasil.

BOURDIEU, Pierre. **Las estrategias de la reproducción social Argentina: Siglo Ventiuno**, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Seção 1, p. 59.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José & CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTRO, Elisa Guaraná. **Os jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção de um ator político**. Rio de Janeiro: Mauad X; Edur, 2009.

GALINDO; Erika. Em pauta: juventude rural e políticas públicas. In: MENEZES, Maria Aparecida de; STROPASOLAS, Valmir Luiz; BARCELLOS, Sergio Botton (Orgs.). **Juventude e políticas públicas no Brasil**. Brasília; Presidência da República, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas e contemporâneas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

KUMMER, Rodrigo; COLOGNESE, Sílvio. Juventude rural no Brasil: entre ficar e partir. **Tempo da Ciência**, [S. l.], v. 20, n. 39, p. 201–220, 2000. DOI: <https://doi.org/10.48075/rtc.v20i39.9817>.

LEITE, Sergio Celani. **Escola rural**: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. **Juventude rural**: uma invención del capitalismo industrial. *Estudios Sociológicos*, México. Cuatrimestral, v. 27, n. 80, p. 2, 2009.

MARINHO, Dalcione. Estratégias de transformação social no campo: a formação de jovens da escola família agrícola de marabá-pa. In: MENEZES, Maria Aparecida de; STROPASOLAS, Valmir Luiz; BARCELLOS, Sergio Botton (Orgs.). **Juventude e políticas públicas no Brasil**. Brasília; Presidência da República, 2014.

MINAYO, Maria. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PAULA, Debora Brandao. **Juventude conceito, trabalho e educação**. As políticas de interiorização do ensino superior e perspectivas de trabalho para jovens rurais - estudo de caso em Matipó, Minas Gerais. Viçosa, MG – , 2015, p.324.

PONTES, Maria Lúcia. Sujeitos coletivos e direitos. In: CALDART, Roseli et al. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2005. 118 p.

TAVARES, Maurício Antunes. **Caminhos cruzados, trajetórias entrelaçadas**: Vida social de jovens entre o campo e a cidade no sertão de Pernambuco. 2009. Tese (doutorado em Sociologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA. **Sobre nós**. Disponível em: <https://ufdpar.edu.br/ufdpar/paginas/sobre-nos>. Acesso em: 8 de fev. de 2024.

WORD BANK GROUP. **Rural population (% of population) - Brazil**. [s.d.]. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SP.RUR.TOTL.ZS?locations=BR>. Acesso em: 13 de mai. de 2024.

WORD BANK GROUP. **Urban population (% of population) - Brazil**. [s.d.]. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SP.URB.TOTL.IN.ZS?locations=BR> . Acesso em: 13 de mai. de 2024.

## **APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

### **PRIMEIRA ETAPA: INFORMAÇÕES DE PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO**

- Vou começar com algumas perguntas sobre perfil sociodemográfico e, em seguida, farei mais perguntas direcionadas aos objetivos específicos da minha pesquisa.
- Qual é a sua origem? Você nasceu e cresceu em uma área rural ou migrou de uma área rural para uma área urbana?
- Em que tipo de ambiente você vive atualmente? (Rural, Urbano)
- Qual a sua idade?
- Com qual gênero você se identifica? (Feminino, masculino, prefere não dizer, outros)
- Qual a sua cor, raça ou etnia?
- Qual é o seu estado civil? (Solteiro (a), Casado (a), Divorciado (a), Viúvo (a))
- Qual a sua religião?
- Com quem você mora atualmente? (Pais, avós, sozinho, companheiro (a), outros)
- Quantos irmãos você tem?
- Qual o nível de escolaridade dos seus pais ou responsáveis?
- Qual é a sua ocupação ou fonte de renda atual?
- Como você descreveria a situação financeira da sua família?

- Na sua comunidade rural, qual é o acesso da sua família a serviços básicos como saúde e transporte?

## **PARTE 1: TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS E DESAFIOS DE ADAPTAÇÃO**

1. Qual os principais fatores que influenciaram a sua decisão de seguir o curso de pedagogia?
2. Sente-se bem por estar na universidade?
3. Suas interações com os professores são satisfatórias?
4. Quais disciplinas você achou mais difíceis ou interessantes?
5. Como você se sente em relação às práticas pedagógicas empregadas pelos professores? Você acredita que elas conseguem facilitar sua compreensão? Se sim, por quê?
6. Você participa de alguma atividade acadêmica? Se sim, quais? (Opções: Grupos de estudo, Grupos de pesquisa, PIBID, PRP, Monitoria)
7. Como você avaliaria o papel da educação na sua vida e nas comunidades rurais?
8. Você considera que sua educação pré-universitária preparou adequadamente para os desafios do ensino superior?

## **PARTE 2: EFEITOS DE MIGRAÇÃO PARA ZONAS URBANAS**

1. Como foi para você a transição da vida rural para a vida universitária em uma área urbana? E quais as maiores diferenças?
2. Como você lida ou lidou com a saudade e a conexão com sua comunidade rural de origem enquanto estuda na cidade?
3. Você teve que lidar com problemas de acesso a serviços básicos, como transporte e saúde, ao se mudar para a cidade para estudar?
4. Você recebeu apoio financeiro ou moradia estudantil da universidade ou de outras fontes para facilitar sua transição para a vida universitária na cidade?

## **PARTE 3: POLÍTICAS PÚBLICAS E INCLUSÃO EDUCACIONAL**

1. Como você percebe o impacto das políticas públicas na promoção do acesso e permanência de jovens rurais no ensino superior?
2. Que tipo de suporte ou recursos você acha que as políticas públicas deveriam fornecer para melhorar a situação dos jovens rurais no ensino superior?

3. Você tem conhecimento sobre programas governamentais ou iniciativas destinadas especificamente a jovens rurais que desejam ingressar no ensino superior?
4. Você se beneficiou de programas de bolsas de estudos ou cotas sociais ao ingressar no ensino superior?
5. Você acredita que as políticas públicas atuais são eficazes em atender às necessidades específicas dos jovens rurais em relação ao ensino superior?

#### **PARTE 4: PERSPECTIVAS PARA O FUTURO**

- Como você enxerga sua trajetória profissional após a conclusão do curso de Pedagogia? Quais são seus principais objetivos e aspirações para o futuro?
- Depois da formatura, você planeja buscar oportunidades de emprego principalmente em áreas urbanas ou rurais?
- Como você acha que sua formação acadêmica em pedagogia impactou suas perspectivas e possibilidades de carreira até o momento? Que aspectos específicos você acha que tiveram maior impacto em você? (FORMADOS)
- Atualmente, você está trabalhando na sua área de formação? Em caso afirmativo, sua ocupação está localizada predominantemente em áreas urbanas ou rurais? (FORMADOS)